



alexandre

arrechea

refazer

galeria

nara

roesler



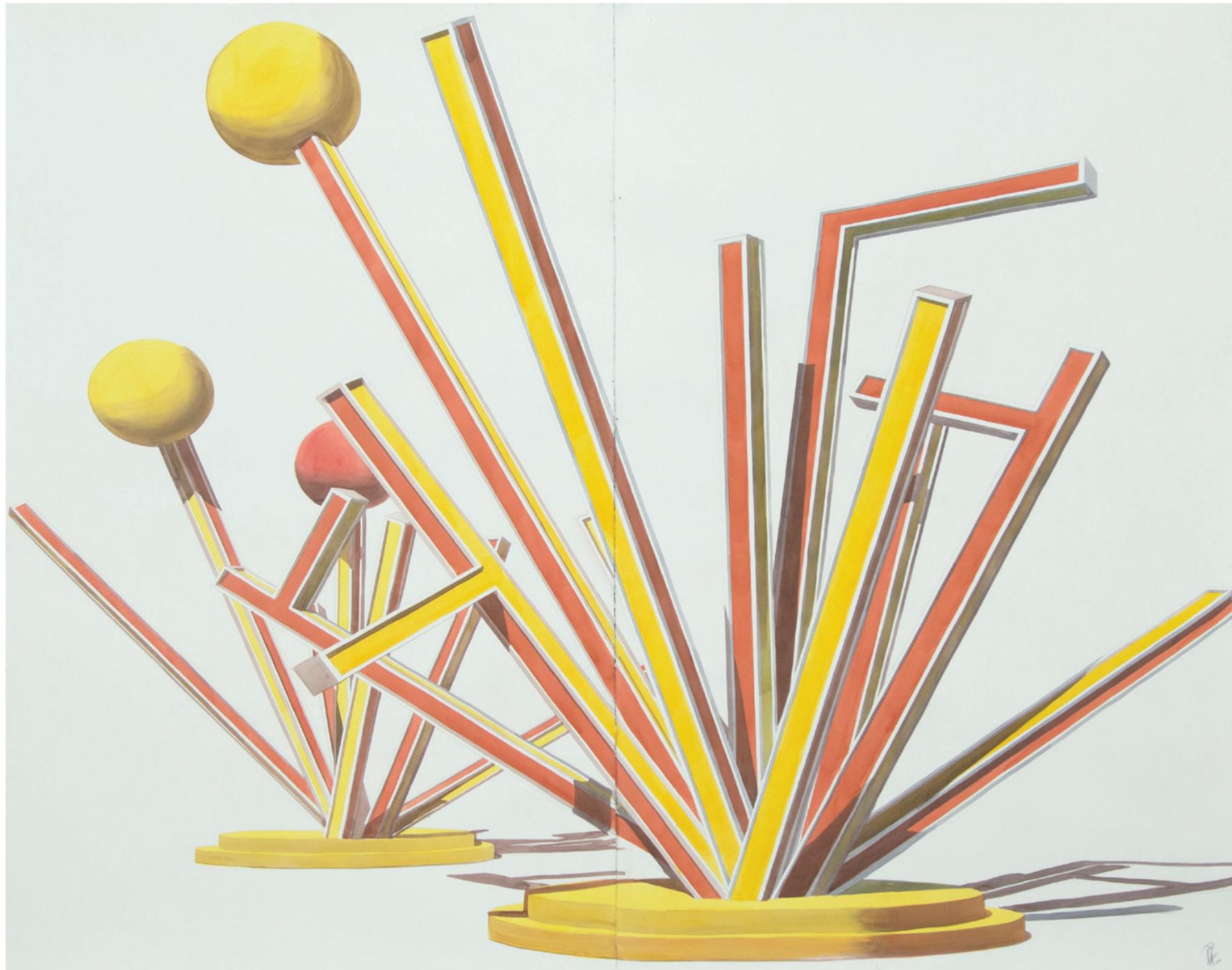
vista da exposição - galeria nara roesler | são paulo, 2017











sem título, 2016
aquarela sobre papel
228 x 113 cm (cada)



sisifo (the body as the field), 2016
aquarela sobre papel
213 x 113,5 cm (cada)



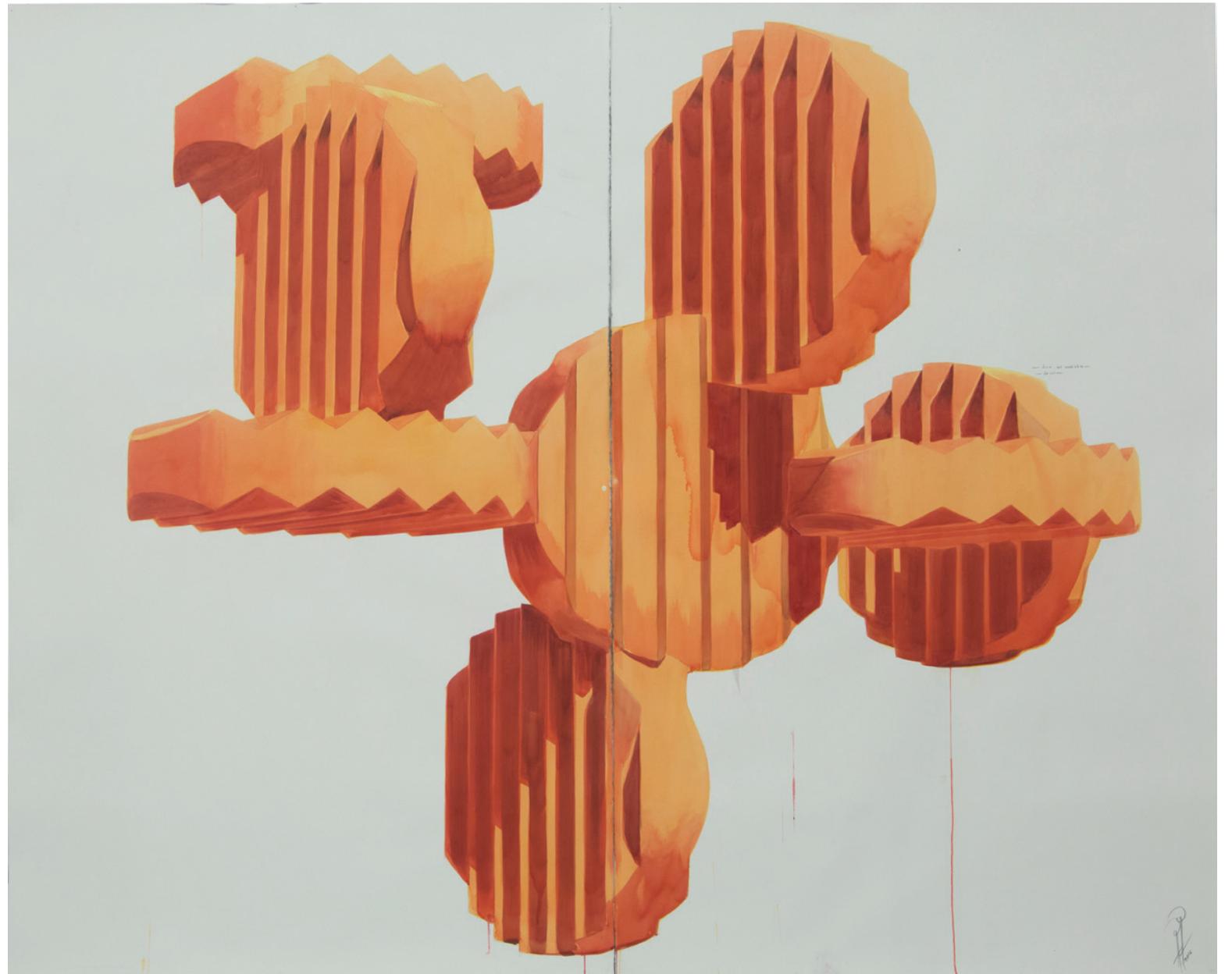
sem título (série refazer), 2016
aquarela sobre papel
12 partes de 56 x 76 cm (cada)

trees, 2016
aquarela sobre papel
200 x 113 cm





power structure, 2016
aquarela sobre papel
200 x 113 cm (cada)



the sun, 2016
aquarela sobre papel
200 x 114 cm (cada)

Faz quase 14 anos que Alexandre Arrechea não expõe em São Paulo. Faz também 14 anos que Arrechea desligou-se do grupo Los Carpinteros, do qual é membro fundador e em que trabalhou por 12 anos. A exposição **Refazer** conclama um turbilhão de seus experimentos recentes, atestando a singularidade alcançada por sua produção. Qualquer leitura linear dos desenhos, pinturas, esculturas e situações concatenados aqui seria inevitavelmente redutora: é impossível – e, provavelmente, indesejável – ordenar os sentidos de seus gestos como quem enfileira palavras em uma sentença. Mas é possível especular. E também dialogar com a obra e o artista. Por isso, propomos aqui um singelo experimento dialógico: escrevo algumas notas diante das obras que Arrechea expõe em São Paulo, e ele responde a esses textos com desenhos e esquemas, essa sua forma peculiar de criar e mostrar o pensamento.

Refazer. Começar de novo. Fazer terra arrasada. A sensação é familiar no Brasil, assim como é em Cuba, no México e em todas as Américas... A síndrome do novo e do futuro, confirmada pelo esquecimento instantâneo da história em prol da próxima empreitada, dopróximo grande evento, da revolução, da involução, do golpe ou do contra-golpe. Na desconcertante biografia do continente, a amnésia instantânea já foi empregada indistintamente por esquerda e direita, empresários e populistas, arquitetos de vanguarda e diretores de multinacionais. Arrechea está comprometido a percorrer uma via diversa ao assumir o compromisso ético e estético com os recomeços que preservam memórias passadas. Daí sua fixação por camadas, andares, palimpsestos e **lembranças atávicas**. Refazer, como no título da mostra, mas sem impedir que as etapas anteriores transpirem, como na montagem dos trabalhos que exercita toda uma gama de empilhamentos e sobreposições (desenho sobre parede, pintura sobre objeto, cilindro sobre cilindro, obra acima de obra, palavra sobre desenho...).

Atávico. No sentido estrito, uma herança ancestral que emerge em seus descendentes. No sentido amplo, aquilo de que alguém se lembra sem nem saber que o sabia, memória adquirida ou acumulada que arrebatada por associações e sinestésias indomáveis. A todo tempo, trata-se de um recurso importante no fazer e no perceber do trabalho de Arrechea, que está presente no modo como a arquitetura de um edifício pode evocar todo o ideário de um povo e de uma época; está em jogo também na maneira como o ritmo constante das linhas aradas no campo remete aos ciclos do trabalho e das estações; ou nas associações

sinestésicas **de dureza ou de moleza** que se encontram nos padrões gráficos aquarelados pelo artista. Lembranças atávicas são particularmente poderosas quando acontecem involuntariamente e tomam caminhos que surpreendem a lógica e o raciocínio causal. A produção recente de Arrechea parece contar especialmente com essa possibilidade, pois cada vez menos remete a ícones e metáforas imediatamente reconhecíveis e cada vez mais mergulha no território das associações livres entre formas, gestos e ideias.

Duro ou mole. O signo reincidente das faixas paralelas (bidimensional) e do serrilhado em zigue-zague (tridimensional). Tradução arbitrária e sintética escolhida pelo artista para as linhas de aragem no campo na preparação para um novo plantio. Um recomeço, uma nova camada que herda o solo deixado pela última colheita. Uma forma condensada que Arrechea reinveste de associações e significados múltiplos. Essa abertura de sentidos, porém, não passa exatamente por afirmações textuais e discursivas. Ela brota, antes, da multiplicação das abordagens plásticas desse mesmo signo recorrente. As linhas paralelas podem ser planificadas ou volumétricas, duras ou moles, bi ou tridimensionais, moldáveis como argila ou afiadas como facas de aço inox. É algo como um tema musical interpretado por instrumentos de timbres variados. Diante dessa abertura, como escolher qual a representação original e qual a definitiva? É inútil tentar. O mais provável é que essa transmutação constante sirva como exemplo da **equivalência linguística** agora experimentada por Arrechea ou como eixo que lhe permite exercitar uma vasta gama de gestos pictóricos.*

* Tendo em vista o caráter definitivo da técnica da aquarela, que não permite apagar ou recobrir totalmente as pinceladas passadas, é interessante imaginar as variações de gesto, velocidade e firmeza do artista entre uma obra e outra, uma e outra dureza do traço.

Equivalência linguística. É notável que, apesar de todas as rupturas epistemológicas legadas pelas vanguardas e neovanguardas do século passado, a arte contemporânea muitas vezes perpetue abordagens normativas na organização do conhecimento, para as quais o saber e o fazer são como árvores de patamares sucessivos em que são dispostas caixas especializadas separadas umas das outras. Para Arrechea, porém, a linguagem não parece estar disposta em uma árvore de hierarquias, mas sim em um horizonte comum de múltiplas e imprevisíveis permutações. Histórias nacionais coabitam esse plano com lembranças pessoais, modos de pintar, representações alegóricas, padrões gráficos, desenhos esque-

mát cos, composições cromáticas e assim por diante, sem que se possa por hora enxergar limites ou bordas. Nesse plano, portanto, todas as combinações são plausíveis na mesma medida em que todos os elementos são equivalentes. O resultado extremo dessa equivalência seria a linguagem do **absurdo**. Noutra patamar, pode-se imaginar que isso implique em uma prática sem roteiros nem guias preestabelecidos, em que toda escolha de linguagem é extremamente significativa – por ser uma escolha em sentido pleno e não a decorrência de um modo de fazer consolidado.

O absurdo. A falta de propósito, evolução ou desenvolvimento com que se depara Sísifo ao se perceber fadado a recomeçar sua escalada todos os dias. Aquilo que, segundo Albert Camus, todos podem encontrar ao perceber a fragilidade das grandes promessas que justificam todo o sofrimento e sacrifício do trabalho e da civilização. A inutilidade de todo recomeço e toda revolução. A ausência de progresso. E, por isso mesmo, a liberdade experimentada ao constatar que os parâmetros de sucesso que almejávamos eram apenas ficção, que o desenvolvimento é uma quimera e que não existe nada senão a escalada repetida todos os dias. A liberação de quem sabe que o mundo é absurdo e que os fracassos estão pré-programados. A autonomia de quem escolhe a história dos vencidos porque não se importa com a vitória. O eco do passado que não precisa retornar triunfante, pois basta que se insinue delicado como uma velha história de infância lembrada pela metade enquanto se prova uma comida rara, que quase ninguém mais faz.

Paulo Miyada
Janeiro de 2017

sobre **Alexandre Arrechea**

Alexandre Arrechea (n. 1970 em trinidad, cuba) vive e trabalha em Nova York e Miami. Arrechea foi membro fundador do coletivo cubano Los Carpinteros. Suas obras empregam metáforas visuais sobre desigualdade social na atualidade, privação cultural, proibição e redes de hierarquia. Arrechea desenvolve seus conceitos em esculturas e instalações de grande escala que criticam a vigilância e o controle. Seu projeto recente, *Katrina Chairs*, instalado no *Festival Coachella*, presta homenagem às comunidades devastadas pelo furacão Katrina em 2005. Seus projetos monumentais, como *NOLIMITS* (2013) – formado por dez esculturas de edifícios emblemáticos de Nova Iorque, que se curvam e tombam como uma mangueira de jardim maleável – lidam com questões de acessibilidade e qualidade dos espaços público e privado.

